

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

A lei Ferry e o jornal «D. Quixote», pelo padre Senna Freitas.—Secção RELIGIOSA: Carta Encyclica de S. S. Leão XIII sobre a restauração da Philosophia Christã nas escolas catholicas, etc. (conclusão); De Vianna a Caminha, polemica sobre os concursos, pelo padre Senna Freitas.—Secção SCIENTIFICA: A medicina nos nossos dias, por Bernardino J. de Senna Freitas; *Causas finaes*, pelo padre F. Sanches.—Secção LITTERARIA: A irmã da caridade, por S. da Costa Vieira Leite; *Thereza de Jesus*, por D. Maria del Pilar Sinués, traducção do padre Lima.—RETROSPECTO DA QUINZANA, por J. de Freitas.

GUMARÃES, 50 DE SETEMBRO

A lei Ferry e o jornal «D. Quixote»

O buril dos caricaturistas francezes tem-se exercitado a valer, n'estes ultimos tempos, em parodiar os feitos da republica que tem por presidente um Grevy, por camarista-mór um Gambeta, e por ministro de instrucção publica um Ferry (o liliputiano de raça).

«D. Quixote», gazeta grotesco-illustrada, que se publica (salvo erro) em Bordeus, onde ha dias a vi pendente de muitas *vitruines*, foi multado não sei em quantos centnares de francos por trazer na sua primeira pagina uma caricatura, que fez subir a mostarda ao nariz da Republica franceza. O anathema policial equivalou a um reclamo e o «D. Quixote» d'esta vez, pendurado de todas as esquinas e bodegas, conquistou uma verdadeira celebridade de rua.

A caricatura representava uma escola. A janella via-se a joven Republica, trajando vestido vermelho fanado até ao joelho, e toucada com um bonnet phrygio da mesma côr. No alto do frontispicio liam-se as seguintes palavras: «*Ouverture de chasse*» está aberta a cara. Effectivamente, a mulheraça do bonnet phrygio, armada com uma vassoura, espancava uma chusma de corvos (escolares) que, sahiam em magote da escola (dós Irmãos das

escolas christãs); a qual, desertada pelas aves negras, toma o nome de escola leiga... Os corvos caem uns fulminados sob o inexoravel cabo da vassoura, outros arrastam a ziza meia partida e vão expirar mais longe. É uma scena canibalesca, sangrenta, que tende a burlar horriavelmente da lei Ferry, e que Ferry, portanto não tolerou!..

Mas tenha s. ex.ª paciencia; a parodia um tanto pezada, feita no curioso jornal que foi buscar o seu nome ao legondario cavalleiro manchego, encerra uma grande verdade.

Sim, abra a opinião publica os olhos; é a Republica que não quer o ensino religioso dado pelos dignos filhos de S. Ignacio e pelos admiraveis Irmãos das Escolas Christãs, é a Republica que não quer que se falle de Deus ás creanças, é a Republica franceza que quer por força excluir do ensino cidadãos de todo o ponto prestimosos e emeritos, ainda sendo *francezes*, pois por este mero apanagio de francezes teem direito de serem professores como outros quaesquer.

A tyranica lei Ferry já passou em França na camara dos deputados; passará, porem na Camara alta? Esperemos o que os proximos mezes nos trazem em seu flanco mysterios por ora tão impenetravel como o veu da Isis indiana.

No entretanto, o que é certo é que já antes de decretada a famosa lei, teem sido fechadas á pura força muitas escolas congreganistas, facto recentissimo, que as folhas estrangeiras mais anodinas como as mais rasgadas, as mais catholicas como as mais insuspeitas profligam de injusto, de anti-liberal, e simplesmente absurdo. Deuse de mão a todas as formas do processo como sobejas, architectaram-se duas calumnias e meia, e dez escolas foram abaixo na vespera do dia em que as calumnias foram convencidas de taes.

E porque motivo, em ultima analyse, se pretende tão resolutamente extirpar o ensino dado pelos Irmãos das Escolas christãs ou pelos congreganistas?

Raciocinemos.

Será por amor da sciencia? Os alumnos educados por elles teem constantemente levado a palma aos das escolas leigas em

uma proporção enorme, e isto em todos os concursos. Neguem-o, se são capazes.

Por amor da economia no orçamento?

Conforme o calculo mais exacto e authentico, cada professor leigo recebe, termo medio, 2:120 francos, e cada professor congreganista 930 francos. Ia-me esquecendo advertir que o pagamento dos mestres leigos foi augmentado 200 francos.

Apliquemos agora este mesmissimo calculo aos alumnos e chegaremos ao seguinte resultado:

Nas escolas leigas, cada alumno custa ao orçamento, termo medio, 31 francos e 10 centimos, e nas escolas dos Irmãos, 19 francos e 16 centimos.

Por amor da liberdade e da igualdade?

Oh que não!... Nem é preciso demonstral-o. Que diria Ferry e com elle todos os ferristas (ou ferreiros, que é por vezes de cara inteira) se nós outros catholicos reclamassemos que o ensino fosse reservado aos jesuitas e congreganistas, com exclusão de todos os professores leigos? Ficariam pacientes, silenciosos e immoveis, como cariatidas? Não, Ferry e ferristas abririam uma bocca maior que a do enfermo a quem o medico examina o fundo da larynge, e bradariam—despolism), intolerancia!

Pois bem, tirem a conclusão. Será então por amor da justiça?

E que justiça (a não ser a feição da de Sebastião José de Carvalho) haverá em excluir do ensino homens habilitados, intelligentes e activos, cujo exito na instrucção da juventude sobrepuj por via de regra a dada pelos professores das escolas leigas, como se vê pelas estatisticas officiaes dos lycens, publicadas durante a epocha das provas tanto dos alumnos congreganistas como dos das outras instituições laicaes?

Pois que motivo ou sequer pretexto haverá para semelhante exclusão? O motivo é ensinarem os *Frères* em nome de Deus, e ensinarem que ha um Deus, o motivo é trazerem uma batina em vez d'um paletot.

Mette lastima!

Logo não é por amor da sciencia, nem por amor da economia, nem por amor da liberdade, nem por amor da justiça e da igualdade que se declara guerra ao ensino religioso em França, é por odio ao catholicis-

mo. Mas que vai acontecer? Os Irmãos, expulsos da escola communal, abrirão uma escola *libre*, aonde todos os seus discipulos os acompanharão, como já se tem visto.

Porem agora pergunto eu: quem correrá com as despesas d'essas escolas livres catholicas, aluguel de casa, mobilia, honorario pago aos professores, etc.?

Os catholicos, e so os catholicos, *ça va sans dire*; os pais de familia que querem que seus filhos sejam educados christãmente; mais ninguém. Seja assim. Optativamente.

Mas então, por identidade de direitos, serão os livres-pensadores, os que não querem senão o ensino athen, quem *unicamente* custeará as despesas das escolas leigas? Sem duvida. Assim o exige a igualdade.

Pois hem, NÃO! Não serão elles só, ou, pelo menos, não serão elles só, nem serão elles principalmente.

Serão os catholicos, os pais christãos que, sobre escolherem os congreganistas para educadores de seus filhos e de lhes pagar para esse fim, *terão ainda* de pagar as escolas e os professores leigos, que de nada lhes aproveitam.

Diga todo o homem de senso commum, catholico ou não, onde está aqui a justiça? Se responderem que a não ha, nem sombra d'ella, saibam que já o disse (apezar dos pezares Julio Simon, e... até Littré!..

Santa Quiteria de Felgueiras.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTÍSSIMO PADRE O

PAPA LEÃO XIII

A TODOS OS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS DO MUNDO CATHOLICO EM GRAÇA E COMUNHÃO COM A

SANTA SÉ APOSTOLICA

Sobre a restauração da Philosophia Christã nas Escolas Catholicas segundo o espirito do doutor angelico

S. THOMAZ D'AQUINO

(Conclusão do numero anterior)

E' por isso que com muita razão o Concilio Vaticano exalta n'estes termos as vantagens que a fé procura para a razão: «A fé livra-nos do erro, e contra elle premune

a razão ao passo que a dota do conhecimento variados.»⁽²²⁾ Por consequencia, o homem, se é sabio, não deve accusar a fé de ser inimiga da razão e das verdades naturaes: mas sim deve antes dar a Deus dignas acções de graças, e reputar-se muito feliz porque, entre tantas causas de ignorancia, e no meio d'este oceano de erros, vê ainda brilhar a seus olhos a santa fé, indicando-lhe por entre os escolhos, qual pharol bemfazejo, o porto seguro da verdade.

E so agora, Veneraveis Irmãos, percorrerdes a historia da philosophia, encontrareis plenamente realizado tudo o que vimos de dizer. Pois é certo que d'entre os philosophos antigos, aquelles que não tiveram o beneficio da fé, ainda mesma os que passam por mais sabios, cahiram em erros detestaveis. Sabei como, por entre um certo numero de verdades, elles ensinaram proposições falsas e absurdas umas, inexactas e duvidosas outras, sobre a natureza da Divindade, a origem das coisas, o governo do mundo, o conhecimento que Deus tem do futuro, a causa e principio dos males, o fim ultimo do homem e a felicidade eterna, as virtudes e os vicios, e sobre outros pontos de doutrina cujo conhecimento é indispensavel ao genero humano.

Bem pelo contrario, os Padres e Doutores da Igreja comprehenderam perfeitamente que nos designios da vontade divina, o restaurador de t da a sciencia humana era o Christo, o qual é «*virtude de Deus, sabedoria de Deus*»⁽²³⁾ e «*no qual estão encerrados todos os thesouros da sabedoria e da sciencia*»⁽²⁴⁾.

Foi n'esta convicção que elles emprenderam expurgar os livros dos velhos philosophos, e comparar seus ensinamentos com os da revelação; depois, para uma intelligente escolha, aproveitaram aquellas doutrinas nas quaes a justeza da expressão correspondia a sabedoria do pensamento, e, quanto ao restante, rejeitaram tudo aquillo que não poderam corrigir. Assim como Deus, em sua providencia, suscitou, para oppôr á crueldade dos tyrannos, martyres heroicos que davam sua vida pela defesa da Igreja, assim aos sophistas e hereticos oppoz homens dotados de profunda sabedoria, e capazes de defender, pela razão humana, o thesouro das verdades reveladas.

Desde o berço da Igreja, a doutrina catholica encontrou adversarios encarniçados, que, mettendo a ridiculo os dogmas e as instituições dos Christãos, affirmavam que estes admittiam muitos deuses, que o mundo material não tinha começo, nem causa, que a divina Providencia não regia por seu conselho o curso das coisas, mas que o mundo era movido por não sei que força cega e necessidade fatal. Contra estes fautores de doutrinas insensatas levantaram-se logo homens sabios, conhecidos pelo nome de *apologistas*, os quaes, guiados pela fé, e com argumentos tirados da sabedoria humana, demonstraram que devemos adorar um só Deus, dotado de todas as perfeições no mais alto grau, que todas as cousas saíram do nada pela virtude de sua omnipotencia, que subsistem por sua

sabedoria, e por ella são movidas e dirigidas cada uma a seu fim proprio.

Primeiramente, apparece-nos á frente de todos os apologistas S. Justino, martyr, que, depois de ter percorrido as mais celebradas Academias gregas, como para avaliá-las, e depois de ter observado, como elle proprio confessa, que só nas d'outras reveladas elle podia haurir a verdade, abraça-as com todo o ardor de sua alma e justifica-as das calumnias contra ellas urdidas, e vai defendel-as perante os Imperadores romanos com não menos vigor que eloquencia, mostrando não poucos testemunhas dos philosophos gregos em harmonia com ellas. Tambem por este tempo *Quadrato e Aristides, Hermias e Ahenagoras* seguiam com brilhante successo o mesmo caminho.

Não menos gloria em defesa da mesma causa conquistou *Ireneu*, martyr illustre, Pontifice da Igreja de Lyon: o qual, depois de ter refutado as opiniões perversas dos gnosticos, espalhadas pelas obras dos Gnosticos por todas as regiões do imperio romano, «*explicou, segundo auctoridade de S. Jeronymo, as origens de cada uma das heresias, bem como as fontes philosophicas d'onde ellas provinham*...»⁽²⁵⁾ Não ha ninguém que desconheça as controversias de *Clemente de Alexandria*, que o proprio Jeronymo, *honoris causa*, assim commemora: «*Quem pôde accusar-o de inebriado? O que ha ali que não promane das entranhas da philosophia*»⁽²⁶⁾. Alem d'isso, deixou elle innumeravel variedade de obras, utilissimas não só para a historia da philosophia, como tambem para o recto exercicio da arte da dialectica, e para conciliar a harmonia entre a razão e a fé.—Em seguida a este vem *Origines*, insigne mestre da escola Alexandrina, multissimo erudito nas doutrinas dos gregos e dos orientaes, o qual publicou multissimos e custosissimos trabalhos, admiravelmente adaptados para a explanação das divinas Escripturas e illustração dos sagrados dogmas; e se suas obras, não estão totalmente isentas de erros, ao menos como ellas chegaram ate nos todavia contém em si grande copia de maximas que servem para dar e fortalecer as verdades naturaes.

Aos hereticos oppõe *Tertuliano* a auctoridade das sagradas Lettras, e rebate os philosophos com a philosophia, mudando assim o genero das armas, e a estes refuta-os com tanto engenho e erudição, que clara e afoutamente lhes lança á cara este desafio: «*Nem na sciencia, nem na disciplina me igualais, embora o penseis*»⁽²⁷⁾.—Do mesmo modo *Arnobio*, em seus livros vulgarizados contra os gentios, e *Lactancio* nas suas Instituições divinas, principalmente, desenvolvem denodadamente equal eloquencia e valentia em persuadir aos homens os dogmas e preceitos da sabedoria catholica não adulterando a philosophia, como fazem os Academicos⁽²⁸⁾, mas sim usando umas vezes de armas suas proprias, outras voltando contra ellas as armas tiradas do plano dos philosophos⁽²⁹⁾.—Os escriptos, porém, que o grande *Athanasio e Chrysostomo*, principe

(22) *Epist. ad Magnum.*

(23) *Loc cit.*

(24) *Apolog. S. 46.*

(25) *Instit. VII c. 7.*

(26) *De Opif. Dei, c. 21.*

(27) *Const. Dogm. de fide cathol., c. 4.*

(28) *I ad Corinth. c. v. 24.*

(29) *Ad colosse. cap. II, v. 8.*

dos oradores, nos deixaram ácerca da alma humana, dos divinos attributos, e de outras importantissimas questões, são tão excellentes que, no intender de todos, já quasi nada parece poder accrescentar-se á sua sublimidade e proficiência. — E sem querermos ser taxados de prolixos, sempre juntaremos aos illustres varões que acima mencionamos, *Basilio magno*, e os dois *Gregorios*, os quaes, tendo saído de Athenas, esse império da civilisação, abundantemente instruidos em todo o apparatus da philosophia, depois converteram em refutação dos hereticos e instrucção dos christãos aquelles mesmos recursos de doutrina, que cada um tinha conquistado pelo seu ardente amor ao estudo.

Mas d'entre todos, a palma parece pertencer a *Agostinho*, engenho sublime, e homem profundo nas sciencias sagradas e profana, que, armado de uma fé soberana, e de igual doutrina combateu sem trevas todos os erros do seu tempo. Que ponto de philosophia deixou elle de tocar: metter á luz, que ponto deixou elle de aprofundar, quer quando patenteava aos fiéis os altissimos mysterios da fé, e os defendia dos furiosos ataques dos adversarios; quer quando, reduzindo a poeiras as ficções dos academicos e dos manicheus lançava com toda a firmeza os fundamentos da sciencia humana, e indagava a razão, origem e causas dos males que affligem a humanidade?

Com quanta penetração não dissertou elle ácerca dos anjos, da alma, da mente humana, da vontade e do livre arbitrio, da religião e da vida feliz, do tempo e da eternidade, e até da propria natureza dos corpos contingentes?

Mais tarde, no Oriente, *João Damasceno*, seguiu os vestigios de *Basilio* e *Gregorio Nazianzeno*, no Occidente, *Boecio* e *Anselmo* professando as doutrinas de *Agostinho*, enriqueceram muito o patrimonio da philosophia.

Depois, os doutores da idade media, conhecidos pelo nome de *Escholasticos*, emprehendem a obra colossal de recolher com todo o cuidado as messes fecundas e uberrimas, espalhadas aqui e ali pelos enormes volumens dos Santos Padres, e de reunir tudo como n'um só logar para uso e commodidade das gerações futuras. — Qual seja, porém, veneráveis armazéns, a origem, indole e excellencia da disciplina escolastica, exuberantemente o manifestou *Xisto V*, homem de profunda sabedoria e nosso predecessor, cujo testimonho nós aprez registar aqui. «Pela divina magnificencia d'Aquelle que soeda o espirito da sciencia, da sabedoria e da intelligencia, e que augmenta á sua igreja novos beneficios, segundo suas necessidades no decorrer dos tempos, munindo-a de novos baluartes, inventaram nossos antepassados, varões sapientissimos, a theologia escolastica, que dois doutores gloriosos, principalmente, o angelico *S. Thomaz* e o seraphico *S. Boaventura*, presadissimos professores d'esta faculdade... cultivaram e enriqueceram com seu incomparavel talento, estudo assiduo, grandes trabalhos e vigílias, e que depois a logaram optimamente coordenada e claramente desenvolvida de muitas maneiras. E na verdade, o conhecimento e applicação d'esta tão salutar sciencia, que dimana das fontes uber-

rimas das divinas Escripturas, dos summos Pontifices, dos Santos Padres e Concilios, foi sempre de grandissima vantagem para a Igreja, quer para a intelligencia e interpretação verdadeira e sã das sagradas Escripturas, quer para a mais segura e util lectura e explicação dos santos Padres, quer para desmascarar e refutar os varios erros e heresias: mas no dia que correm, em que parece serem chegados já os tempos previstos pelo Apostolo, e em que os abismos blasphemos, sobrhos, seductores e perigosos ao mal, e induzem outros para o erro, é ella mais necessaria que nunca para confirmar os dogmas da verdadeira fé catholica e refutar as heresias (23).»

Estes elogios, posto que pareçam dirigir-se só a Theologia escolastica, é certo que devem entender-se dirigidos tambem á Philosophia. Com effeito, as preclaras qualidades que tornam a Theologia escolastica tão temida pelos inimigos da verdade, são, no dizer do mesmo Pontifice, «aquella coherencia admiravel e intima entre os effeitos e as causas, aquella ordem e disposição de suas partes, como soldados em batalha aquellas rigoros definições, aquella solidez dos argumentos e subtilidade nas controversias, com tudo o que a luz separa das trevas, o verdadeiro do falso, e as mentiras dos hereticos, envolvidas em muitas ouropéis e ficções, são patenteadas e postas a nu (24)», todas essas reclaras e admiraveis qualidades, são devidas unicamente ao recto uso d'esta philosophia, que os professores escolasticos com sabio conselho costumam usar a cada passo, mesmo nas discussões theologicas. Demais, como o caracter proprio e privativo dos Theologos escolasticos é unirem entre si por estreito vinculo, a sciencia humana com a divina, a Theologia, em que elles foram eminentes, nunca teria podido alcançar tanta honra e estima da opinião dos homens, se seus doutores tivessem feito uso d'uma philosophia defeituosa, imperita e superficial.

Mas entre os doutores escolasticos, aquelle que mais brilha é *Thomaz d'Aquino*, o principe e mestre de todos: o qual, como já notou *Cajetano*, para «profundamente venerar os antigos doutores sagrados, foi necessaria que d'algum modo possuísse a intelligencia de todos elles (25)». *Thomaz* recolheu suas doutrinas, que andavam dispersas como os membros de qualquer corpo, reunidas, classificou-as por ordem admiravel, e de tal forma as ampliou e desenvolveu que com razão é reputado e mais forte defensor e singular honra da igreja catholica. — E em verdade, espirito docil e penetrante, memoria facil e tenaz, d'uma integridade perfeita de costumes, amando só a verdade, riquissimo de sciencia divina e humana, semelhante ao sol, aqueceu toda a terra com o calor de suas virtudes, e o encheu com o esplendor de sua doutrina. Não ha ponto algum de philosophia que elle não tratasse, com toda a profundidade e rigor: de tal forma decorreu ácerca das leis do raciocinio de Deus e das substancias incorporeas, do homem e das outras creaturas

sensíveis, dos actos humanos e dos principios que os regem, que nada falta d'elle, nem a copiosa messe de questões, nem a conveniente disposição de suas partes, nem o optimo methodo seguido, nem a solidez dos principios ou o rigor dos argumentos, nem a clareza do estylo ou a propriedade dos termos, nem a facilidade com que explica as mais absurdas materias.

A tudo isto accrece ainda que o doutor angelico baseou suas conclusões philosophicas nas razões e principios das coisas, que contem em si amplas permissas e quasi innumeraveis verdades como que em germe, as quaes offerecem aos mestres das idades posteriores ampla materia de desenvolvimentos fructuosos que se manifestam em tempo conveniente. Empregando igualmente este processo para a refutação dos erros, o grande doutor conjugou só com elle debellar não só todos os erros dos tempos anteriores, mas tambem fornecer armas invenciveis para fulminar todos aquelles que apparecessem nos tempos futuros. — Alem d'isso, distinguindo perfeitamente, como convem, a razão da fé, une-as contudo n'um consorcio amigavel, salvaguardando os direitos de cada uma, e conservando sua dignidade propria, de tal sorte que a razão, levada nas azas de *S. Thomaz*, até ao lastizgio humano, já quasi não pôde elevar-se mais além; nem a fé que só pode pedir á razão mais e valiosos auxilios, do que aquelles que *S. Thomaz* lhe forneceu.

Foi essa a razão pela qual, principalmente nos tempos passados, homens douctissimos, e de grandissima nomeada em theologia e philosophia, procurando adquirir com todo o empenho os immortaes volumens de *S. Thomaz*, se entregaram não tanto a cultivar, e mo a nutrir-se e penetrar sua angelica sabedoria. — E sabido que quasi todos os fundadores e legisladores de ordens religiosas impunham aos seus collegas a obrigaçao de estudarem as doutrinas de *S. Thomaz*, e applicarem-se a ellas com todo o religiozo respeito, com a conlicção de nunca impudentemente poderem afastar-se na minima coisa dos vestigios de tão grande varão. Sem fallarmos da familia Dominicana, que por si revince, com todo o direito, a gloria de tão illustre mestre, os Benedictinos, Carmelitas, Agostinhos, Jesuitas, e outras muitas ordens sagradas, estavam sujeitas a esta mesma disposição, como o attestam os estatutos de cada uma.

E n'este lugar é com grande prazer que o espirito traz á memoria essas academias e scholas, que outrora floresceram na Europa, como as de Paris, Salamanca, de Alcalá, de Donai, Tolosa, Lwaina, Padua, Bolonha, Napoles, Coimbra e tantas outras. Ninguem ignora como o nome d'estas academias crescera com o andar dos tempos, e a grande auctoridade que potoda a parte tinham as decisões das consultas que lhes eram feitas quando se tractava de negocios importantes. E sabe-se tambem, como n'esses asylos da sabedoria humana, *Thomaz* reinava como principe em seu proprio reino, e como os animos de todos os mestres e discipulos repousavam, n'uma admiravel concordia, unicamente no ensino e auctoridade do doutor angelico.

Mas ha mais ainda: os Romanos Pontifices, Nossos Predecessores não cessaram nunca de dispensar singulares elogios e va-

(23) *Bulla Triumphantis*, n. 15 a 87.

(24) *Bulla cit.*

(25) In. 2 m. aeq. 148. a. 4. in finem.

liosissimos testemunhos de louvor á sabedoria de Thomaz d'Aquino. Clemente VI⁽²⁶⁾, Nicolau V⁽²⁷⁾, Bento XIII⁽²⁸⁾ e outros attestam o brilho que sua admiravel doutrina deira á Igreja universal; S. Pio V⁽²⁹⁾ chega a confessar que esta mesma doutrina dissipa as heresias, depois de as haver confundido e refutado e que cada dia livra o mundo inteiro de erros pestiferos; outros com Clemente XII⁽³⁰⁾ affirmam que de seus escriptos dimanaram abundantissimos bens para a Igreja universal, e que devem tributar-se-lhe as mesmas honras que se dispensam aos grandes doutores da Igreja. Gregorio, Ambrasio, Agostinho e Jeronymo; outros, finalmente, não duvidaram propôr S. Thomaz ás Academias e grandes Lyceus como exemplar e mestre que todos deviam seguir fielmente.

E a este proposito, são dignos de menção as palavras do B. Urbano VI á Academia de Tolza: «Queremos, e pelo theor das presentes vos incitamos a que sigas a doutrina do B. Thomaz, como veridica e catholica que é, e que envideis todos os esforços para desenvolvê-la⁽³¹⁾». Mais tarde, Innocencio XII⁽³²⁾, a exemplo de Urbano V, impõe as mesmas prescripções á Universidade de Lovaina, e Bento XIX⁽³³⁾ ao collegio Donsiano de Granada.—E para cumulo dos elogijs dos summos Pontífices a S. Thomaz d'Aquino, acrescentaremos o testemunho de Innocencio VI: «A doutrina de S. Thomaz tem vantagem sobre as demais, exceptuando a canonica, pela propriedade dos termos, pela expressão, pela verdade de suas proposições, de tal sorte que aquelles que a seguirem nunca se desviam do caminho da verdade; e todo aquelle que a impugnar será sempre suspeito de seguir o erro⁽³⁴⁾».

Tambem por sua vez os concilios oecumenicos, em que brilha a flor da sabedoria, colhida em toda a terra, têm rendido sempre a Thomaz d'Aquino especies elogios. Nos concilios de Lyon, de Vienna, de Florença, do Vaticano, julgou-se já ver Thomaz fazer parte d'elles, presidir ate, de algum modo, ás deliberações e decretos dos padres, e combater com indomavel vigor e o mais feliz exito, os erros dos gregos, dos herejes e dos racionalistas.—A maior honra, porém, dispensada a S. Thomaz, reservada só para elle, e que nenhum dos doutores catholicos pôde partilhar, vem-lho dos padres do concilio de Trento, quando quizeram que, no meio da santa assembleia, com o livro das divinas Escripturas, e os decretos dos Pontífices supremos, fosse depositada sobre o altar a *Summa* de Thomaz de Aquino, aberta, para n'ella poderem haurir conselhos, razões, e oraculos.

Finalmente, uma ultima palma parece ter sido reservada a este homem incomparavel: soube arrancar aos proprios inimigos

do nome catholico o tributo das suas homenagens, dos seus elogios, da sua admiração. Com effeito é sabido, que entre os chefes das seitas hereticas, houve alguns que declararam bem alto que, uma vez supprimida a doutrina de S. Thomaz d'Aquino, se compromettiam «emprender uma luca victoriosa com todos os doutores catholicos, e aniquilar a Igreja.»⁽³⁵⁾ A esperanza era vã, mas não o é o testemunho.

Sendo assim, veneraveis irmãos, todas as vezes que os nossos olhares se fixam sobre a bondade, a força e a incontestavel utilidade d'esta disciplina philosophica, tão amada por nossos pais, julgamos nós que foi uma temeridade não ter continuado, em todos os tempos e em todos os lugares, a dispensar a honra que ella merece tanto mais, quanto a philosophia escolastica tem a seu favor a opinião d'homens eminentes e, o que é capital, o suffragio da Igreja. Em lugar da antiga doutrina tem-se introduzido, aqui e alli, uma especie do novo methodo de philosophia, o qual não tem produzido os fructos appetecidos e salutaes que a Igreja e a sociedade civil desejavam. Sob o impuls dos innovadores do seculo comegou-se a philosophar sem nenhum respeito pela fé, com plena licen a de deixar ir o pensamento, de uma a outra parte, segundo o capricho e o genio. D'aqui resultou, naturalmente, multiplicarem-se em demasia os systemas de philosophia e apparecerem opiniões diversas, contradictorias até, sobre os mais importantes objectos dos conhecimentos humanos. Da multiplicidade de opiniões chega-se, facilmente, as hesitações e a duvida; da duvida ao erro todos vêem que é curta a distancia, e facil o caminho.

Deixando-se os homens arrastar voluntariamente, pelo exempl, pareceu esta paixão da novidade ter invadido em certos paizes o espirito dos proprios philosophos catholicos, que, desdenhando o patrimonio da antiga sabedoria, preferiram edificar de novo a augmentar e aperfeiçoar o velho edificio, projecto sem duvida pouco prudente, e que só com grande detrimento das sciencias se executou.

Effectivamente estes systemas multiplos, apoiados unicamente sobre a auctoridade e o arbitrio de cada mestre particular, apenas têm uma base movevida e, por consequente, em lugar de uma sciencia firme, perduravel e robusta, como era a antiga, só podem produzir uma philosophia vacillante e sem firmeza. Se ás vezes, pois, acontece a uma philosophia d'esta especie não se encontrar com forças para resistir aos ataques do inimigo, a si propria deve imputar a causa e a falta proveniente da sua fraqueza.

Dizendo isto, não é nosso intento combater esses engenhosos sabios que entregam á cultura da philosophia o seu ingenho, a sua erudição, assim como as riquezas dos novos inventos. Comprehendemos perfeitamente que todos esses elementos concorrem para o progresso da sciencia. Mas cumpre-nos fugir, com o maior cuidado, a fazer d'este ingenho e d'esta erudição, o unico, ou mesmo o principal fim da nossa applicação. O mesmo se deve dizer

relativamente á theologia: é bom levar-lhe o auxilio e a luz d'uma erudição variada; mas torna-se absolutamente necessario tratá-la pela maneira grave dos escolasticos, a fim de que, graças as forças da revelação e da razão, reunidas, não deixe de ser o baluarte inexpugnavel da fé⁽³⁶⁾.

Foi, portanto, por uma feliz inspiração que certo numero d'amigos das sciencias philosophicas, desejando n'estes ultimos annos emprender a sua restauração de um modo efficaç, se applicaram e applicam ainda a pôr em vigor a admiravel doutrina de Thomaz de Aquino e a dar-lhe o seu antigo brilho. Animados do mesmo espirito, muitos membros da Vossa ordem, Veneraveis Irmãos, têm entrado com ardor no mesmo caminho. Com a maior alegria da Nossa alma o subemos.

Ao mesmo tempo que os louvamos com effusão, exhortamos a preservar em n'esta nobre empreza: quanto aos outros, advertimos-os de que nada Nos é mais agradável, nem desejamos tanto, como vel-os fornecer, larga e copiosamente, a mocidade estudiosa as novissimas aguas do saber, taes como o doutor angelico as espalhou em veias ricas e inexauriveis.

Muitos motivos fazem nascer em Nós este vehemente desejo. Em primeiro lugar, como na nossa epocha a fé christa está diariamente exposta aos tiros e aos sopismas de certa sabedoria falsa, é necessario que todos, particularmente os que se dedicam ao serviço da Igreja, sejam alimentados como pão vivificante e robusto d'esta doutrina, a fim do que, cheios de força e revestidos d'uma completa armadura, se habituem de principio a defender a religião com vigor e sabedoria, «promptos, segundo a advertencia do Apostolo, «a dar razão, a quem que que seja que a peá, da esperan a que está em nós»⁽³⁷⁾ «assim como a exhortar n'uma doutrina sã e convencer aquelles que a contradizem»⁽³⁸⁾ Em seguida, um grande numero dos que, afastados da fé, odeiam as instituições catholicas pretendem não reconhecer outro mestre e outro guia além da sua razão. Para os curar e conduzi-los á graça, ao mesmo tempo que a fé catholica, depois do auxilio sobrenatural de Deus, não vemos Nós nada de mais opportuno que a solida doutrina dos Padres e dos escolasticos, os quaes, como dissemos, põem sob os olhos os fundamentos inabdicaveis da fé, a sua divina origem, a sua verdade certa, os seus motivos de persuasão, os beneficios que ella procura ao genero humano, a sua perfeita harmonia com a razão, e tudo isto com mais força e evidencia do que a necessaria para domar os mais rebeldes e obstinados espiritos.

Todos nós vemos em que situação critica o contagio das opiniões perversas tem posto a familia e a sociedade civil. De certo uma e outra gozariam d'uma paz mais perfeita e d'uma segurança maior, se nas Academias e nas Escolas se ensinasse uma doutrina mais sã, mais conforme com o ensino da Igreja, uma doutrina tal como se encontra nas obras de Thomaz d'Aquino. O que S. Thomaz nos ensina sobre a ver-

(26) Bulla in Ordine.

(27) Breve ad. Fratr. ord. Praed. á 451.

(28) Bulla Pretiosus.

(29) Bulla Mirabilis.

(30) Bulla Verbo Dei.

(31) Const. V. dat. die 3 aug. 13 68 ad. Cancell. Univ. Tulos.

(32) Litt. in forma Brev. die 6 febr. 16 49.

(33) Litt. in forma Brev. die 21 aug. 17 52.

(34) Serm. de S. Thom.

(35) Reza-Bucerus.

(36) Xisto V Bulla cit.

(37) I Pet. III. 15.

(38) Tit. I. v. 9.

dadeira natureza da liberdade que nos nossos tempos degenera em licença, sobre a divina origem de toda a authoridade, sobre as leis e o seu poder, sobre o governo paternal e justo dos soberanos, sobre a obediencia devida aos poderes mais elevados, sobre a caridade mutua que deve reinar entre todos os homens; o que elle nos diz, sobre estes assumptos e outros do mesmo genero, tem uma força immensa, invencivel, para aniquillar todos esses principios do direito novo, perigosos, como se sabe, á boa ordem e á salvação publica.

Emfim, todas as sciencias humanas têm direito a esperar um progresso real, e devem proporcionar-se um auxilio que produza a restauração que acabamos de propor, das sciencias philosophicas. Effectivamente as bellas-artes pedem á philosophia, como sciencia modeladora, as suas regras e o seu methodo, e vão beber n'ella, como n'uma fonte commum de vida, o espirito que as anima. Os factos e a experiencia constante demonstram-nos que as artes liberaes florescem, sobretudo, sempre que a philosophia conserva immune a sua honra e recto o seu juizo; que, pelo contrario, permanecem desprezadas e quasi esquecidas, quando a philosophia propende para o erro ou se envolve em ineptias.

Do mesmo modo as sciencias physicas, actualmente tão apreciadas por tantas descobertas, provocam por toda a parte uma admiração sem limites; estas sciencias, longe de perderem, muito ganhariam com uma restauração da antiga philosophia. Não basta para secundar o seu estudo o assegurar o seu progresso limitarmos-nos ao exame dos factos e á contemplação da natureza; mas, determinados os factos, é mister subir mais alto e applicarmos-nos, com cuidado, a reconhecer a natureza das coisas corporeas, e a investigar as leis a que ellas obedecem, assim como os principios d'onde derivam, e a ordem que entre si tem, e a unidade na sua variedade, e a sua mutua affinidade na diversidade. Não se pôde imaginar a força, a luz e os auxilios que a philosophia escolastica traria a estas investigações.

Importa, com este fim, precaver os espiritos contra a soberana injustiça que se faz a esta philosophia, accusando-a de levantar obstaculos ao progresso e adiantamento das sciencias naturaes. Como os escolasticos, seguindo n'isto os sentimentos dos santos padres, ensinam a cada passo, na anthropologia, que a intelligencia só pelas cousas sensiveis se pôde elevar ao conhecimento dos seres incorporeos immateriaes; comprehendem elles a utilidade que advinha ao philosopho de sondar attentamente os segredos da natureza, e de empregar longo tempo no estudo assiduo das coisas physicas. Foi isto, effectivamente, o que fizeram S. Thomaz, o bemaventurado Alberto o Grande, e outros ornamentos da escolastica, que não se absorveram de tal modo na contemplação philosophica que não attendessem cuidadosamente ao conhecimento das coisas sobrenaturaes: ainda mais, n'esta especie de conhecimentos muitas das suas afirmações, muitos dos seus principios, approvam-nos os mestres actuaes que reconhecem a sua exactidão. Além d'isso, mesmo na nossa epocha, muitos doutores das sciencias physicas, homens de gran-

de fama, testemunham publica e abertamente que, entre as conclusões certas da physica moderna e os principios philosophicos da escola, nenhuma contradicção existe, na realidade.

Nós, por conseguinte, enquanto proclamamos que é necessario receber de bom grado, e com reconhecimento, todos os pensamentos sabios e descobrimentos uteis, de qualquer parte que venham, exhortamos-vos, Veneraveis Irmãos, da maneira mais instante, a pôr novamente em vigor e a propagar, quanto possivel, a preciosa doutrina de S. Thomaz, e isto para defeza e ornamento da fé catholica, para bem da sociedade, para adiantamento de todas as sciencias.

Dizemos a sabedoria de S. Thomaz porque, se nos doutores escolasticos se encontra alguma questão muito subtil, alguma affirmacão inconsiderada, ou alguma coisa que não esteja em harmonia com as doutrinas approvadas nas edades posteriores, que seja n'uma palavra, despidida inteiramente de probabilidade, não é Nosso intento propô-la de modo algum á imitação do seculo actual. Além d'isso, que se applicuem alguns mestres designados pela vossa esclarecida escolha, a fazer penetrar no espirito dos seus discipulos a doutrina de Thomaz d'Aquino, e que tenham o cuidado de fazer notar quanto esta excede todas as outras em solidez e em excellencia. Que as Academias que tendes instituido ou vierdes a instituir, expliquem, defendam e empreguem esta doutrina na refutação dos erros dominantes. — Mas, para evitar que se beba uma agua supposta pela verdadeira, uma agua lodosa em vez de uma agua pura, velae para que a sabedoria de Thomaz seja haurida nas suas proprias fontes, ou, pelo menos, n'esses regatos que, brutando da origem mesma, correm ainda puros e limpidos, em conformidade com o testemunho seguro e unanime dos doutores; pelo contrario d'aquelles que se preteudem serem derivados da origem, mas que na realidade, brotaram d'aguas estranhas e insalubres, desviae cuidadosamente o espirito dos adolescentes.

Nós, porém, sabemos que todos os Nossos esforços serão vãos se a n'essa empreza, Veneraveis Irmãos, não for secundada por Aquelle que se chama o *Deus das sciencias*, nas divinas Escripturas^(*), as quaes egualmente nos advertem que, « todos os bens excellentes e todos os dons perfeitos vêm do céu, descendo do Pai das luzes^(**). » E ainda: « Se «alguem tiver necessidade de sabedoria peça-a a Deus, o qual dá a todos com abundancia e não lança em rosto os seus dons e ella lhe será dada. »^(**) Sigamos tambem n'isto o esplendor do doutor angelico, que nunca se entregava ao estudo ou á composicão, antes de ter, pela oração, implorado o auxilio de Deus, e que confessava com candura que tudo quanto sabia devia-o, menos ao seu estudo e ao proprio trabalho, do que á elucidacão divina.

Oremos pois a Deus, todos juntos, com espirito humilde e coração unanime, para que espalhe sobre os filhos da tua Igreja o espirito de sciencia e d'intelligencia e que abra a razão á luz da sabedoria. E, para obter em maior abundancia os fructos

(*) I Reg. II. 3.

(**) Jac. I. 17.

(***) Ibid. V 5.

da divina bondade, fazei intervir junto de Deus o poderosissimo patrono da bem-aventurada Virgem Maria, sede da sabedoria; recorrei, ao mesmo tempo, á intercessão de S. José, o esposo castissimo da Virgem, assim como á dos grandes apostolos Pedro e Paulo, que renovaram, pela verdade, a terra infeccionada do contagio do erro, e a inundaram com os esplendores da celeste sabedoria.

Emfim, alentados pela esperanca do auxilio divino, e fiados no vosso zelo pastoral, a todos vós, damos Veneraveis Irmãos, do fundo do nosso coração, assim como ao vosso clero e aos povos confiados á vossa sollicitude, a benção Apostolica, como penhor dos dons celestes e testemunho da nossa particular attenção.

Dada em Roma, em S. Pedro, no dia 4 de agosto do anno 1879, II de nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

De Vianna a Caminha

POLEMICA SOBRE OS CONVENTOS

Se eu amo tanto o estudo, o a sciencia, é para ter o direito de ser ouvido quando fallar de religião.

LEIBNIZ.

I

Quem estiver em Portugal, muito mais sendo portuguez, e tiver tempo, gosto, liberdade e dinheiro, não deve deixar de ir apreciar, lá pelas mezes de junho ou julho, o *jardim das Hesperides* da nossa nesga do mundo, se n'figurás, chamado o Alto-Minho.

Todos aquelles campos, casaes, estradas desde Vianna a Valença estão-se a rir para nós, como um homem se pode rir para outro.

Céus, campinas, vallados, alfombras de verdura, rios, arvores, e flores, deram-se alli *rendez-vous* para formarem um todo symetrico, e harmonioso de todos esses elementos diferentes, e realisarem o supromo caracter do verdadeiro bello—unidade na variedade, variedade na unidade.

Pelo venia ao auctor das *Viageus na minha terra* para engastar aqui, como no seu lugar competente, aquelle trecho mimoso do seu livro, que elle engastou em Santarem. Com a acquisição do caminho de ferro, que não tinhamos em 1850, e que hoje temos, Garret não se ficava em Santarem, cansado da gondola do Tejo, puchada a machos, e anojado para toda a vida da limonada barrenta e fusca do Cartaxo. Não limitava uma viagem, que fez gemer os pré-las da «Revista Lisbonense», a quatorze leguas de trajecto; deixava-se ir nos affoados

assentos de um wagão de primeira classe, até á fronteira da nossa terra, e quando chegasse lá a Vianna ou Caminha tirava então o lapis da carteira, e escrevia:

«Não ha allí o que se chama propriamente o grandioso e o sublime, mas uma como symetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saude, o sosiego do espirito e o repouso do coração devem viver allí, reinar allí um reinado de amor e benevolencia... Imagina-se (por aquelles sitios) o Eden que o primeiro homem habitou com a sua innocencia e com a virgindade do seu coração.

A faia, o freixo, o alamo interlaçam (com os pampanos) os ramos amigos; a madre-silva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões; a cingossa, os fettos, a malvarosa do vallado vestem e alcatifam o chão. *(Viagens na minha terra.)*»

Vamos ter pintura *d'après nature*?

Não vamos, não, amavel leitor; desisto.

Não te tirei o gosto de lêr na pagina viva da realidade, o que só poderás lêr com enfado na pagina morta de um artigo. Fica-te em boa hora com a tua curiosidade intacta, e quando a quizeres saciar, da tua casa á estação da via ferrea supponho que não ha grande distancia. Terás mais o melhor do que eu te daria.

Ha muito que lá vão os tempos e os escriptores do idyllio: Gessners e Diogos Bernardes, Sannazaros e Rodrigues Lobos são hoje tão anachronicos como solaus bucolicos descançados ao som da fistula campestre, entre um robanho de ovelhas, um prado relvoso, e o murmurinho de um arroyo.

Só heducinos e escocozes dos *highlands* relembram agora essas eras, e esses costumes simples dos antigos sabios. *Mutantur tempora.*

Ainda assim: quando ao atravessar a extensa estrada de Vianna ás margens do rio Minho, que separam a fronteira portugueza da hespanhola, se nos depara a cada passo o lavrador descuidoso, ora alqueivando o torrão da sua herdade, ou surribando-o para a sementeira, ora fouçando a herva-gem para pasto do seu gado, ora enfeixando em pavêas o trigo respigado para carrear-o, ou saboreando prasenteiro com os filhos estirados pela relva, a olha substancial e verde (seu banquete de principe); é impossível ao homem prosaico das cidades, e ainda mais ao homem da banca, incurvado todo o anno á servidão do pungente estudo voluntarioso (que nem conhece as tre-goas de um Domingo,) o deixar de lhe refugir o coração para aquella vida remansosa dos campos, patriarchal, singela, e tão

erma de ambições, quanto ambicionada de muitos:

O fortunatos nimium, sua si bona norint,
Agricolae.

Atravessava eu uma vez essa estrada ruminando entre mim estas reflexões, e julgando mais feliz o velho Cincinato do arado que o do sceptro.

Quando dei por mim, estava a recitar por entre os dentes... e os plantios que me cercavam, a bella estancia do bom Sá de Miranda sobre o viver agricola.

Lembras-te, leitor?

«O' vida de lavradores!
«Se ell's conhecessem bem
«As vastageas que tem
«Aquellas santos suores
«Que santamento os mantem!
«Tractando com a madre antiga
«Que de tudo que em si recebe
«Não entre engano, ou má liga,
«Por seu costume se obriga
«A pagar mais do que deve! etc.

Veio-me então um desejo, tirante a velocidade, de fixar no papel todas as impressões que n'essa occasião se me amudaram na mente. Passou-me presto. Quem me leria n'esta quadra de carvão de pedra, e de apólices? Sejamos sincero: nem eu me leria a mim mesmo, que outras idéas mais elevadamente positivas nos preoccupam hoje.

... Vamos, leitor: deixando «a sombra da faia» Tytiros e Melibeus a viver vida de paz, consente que te narre outra scena um pouco menos pacifica, succedida no mesmo lugar de que te fallava ainda agora; ao longo da estrada que se desdobra de Vianna a Caminha. E' nada menos que uma polemica sobre conventos.

PADRE SENNA FREITAS.

(*Continua*).

SECÇÃO SCIENTIFICA

A medicina nos nossos dias

(*Continuado do n.º anterior*)

II

Relevem-me os philosophos da sciencia tradicional, que eu ponha em vulto a falta de criterio na materia medica da velha escola, e mais ainda, que lhe attribua, no seu actual estado de imperfeição, uma anarchia incompativel; com os progressos do espirito humano, e até ridicula e indigna ante um exame menos grosseiro de empirismos e de absurdos nosologicos.

Vã pretensão seria a de circumscrever no mesquinho ambito de um artigo de jor-

nal, traçado a correr, as largas considerações que me suggerem as rotinas, as incongruencias, os perigos, os verdadeiros distates e vaniloquios da medicina official na sua therapeutica e materia medica principalmente. Não careço contudo de longo espaço para dizer que o genero humano pouco tem a esperar dos recursos da escola medica official. Nenhum receio tenho de o affirmar, nem me amedronto de que, seja quem for, erga o guante que lhe arremego.

Ha verdades amargas, mas todas as verdades são verdades: a medicina tradicional cura tudo quanto a natureza por si só curaria sem auxilio da sciencia:—a materia medica da escola official é inconsciente, perversa e ridicula, charlatã e anti-humanitaria.

¿Quem me dirá que a medicina tradicional, apesar da sua monstruosa pharmacologia, cura as diatheses, as affecções nervosas, principalmente os estados pathologicos, que resultam de affecções moraes; a siphilis e o escorbuto? Curará por ventura alguma das dermatoses desde a crosta de leite até ao impetigo e a lepra, e todas as enfermidades localizadas no tecido tegumentoso?—Cura a alienação o *dilirium tremens*, a hydrophobia, a hypochondria, o hysterismo, a catarata, a amurosis, a fistula lacrimal, as lesões do aparelho auditivo, a prosopalgia, as dores e carias dos dentes?—Cura acaso as lesões organicas do aparelho respiratorio, como a ptisica, a apoplexia pulmonar, etc.? Ou as do aparelho circulatorio como as aneurismas, as hypertrophias, a insufficiencia das valvulas, etc., ou as simples affecções como a embocardite, a pericardite, a chlorose e outras?

Pode-se dizer sem receio de errar: estas e outras enfermidades, que extenso seria enumerar, não encontram recursos no grande arsenal therapeutico da velha escola. Algumas vezes, é certo que se operam curas, ainda que em tão pequeno numero, que não podem servir de regra. Persevere-se porém, estudem-se imparcialmente os meios empregados, e ver-se-ha que a cura ou é obra da cirurgia, ou effeito do emprego de agentes oppostos á doutrina dos *contrarios*, que distingue a escola official, applicados ao acaso, sem previo conhecimento das suas pathogenesias. Podem-se citar d'estes, como meios mais energicos e mais usados, todos os preparados de quina, todos os mercuriaes, todos os sulphuricos: o carvão vegetal nas affecções gastricas; a noz vomica nas doencas do estomago; as cantharidas na blenorragia; o arsenico na asma e nas nevreses do estomago, como a ipecacuanha e a sabina nas doencas das vias digestivas; o iode nas tosses; a belladona no coqueluche; o bromo no croup; a digital nas affecções do coração e no hydrotorax, e outros muitos cuja applicação empirica é a negação das doutrinas Galenicas e um vivo testemunho da insufficiencia da materia medica.

E não hei mister, sustentando a verdade que affirmo, socorrer-me das innumerables variantes dos phenomenos pathologicos de mais longo alcance para dar a medida do criterio da medicina tradicional e dos seus absurdos e delictos. Um panaricio, por exemplo, não encontra remedio na medicina. O medico confessa a sua nullidade desde que envia o doente para o cirurgião. Dá a sciencia o seu lugar á arte. O

paciente fica sendo uma victima que serve para o estudo de um alumno, ou para a experimentação de um instrumento cirurgico; passa da condição do homem para a de cousa, e aleija-se-lhe um delo com a mesma facilidade com que se receita uma cataplasma!

O tractamento de um catarro bronchial chega a causar riso. O enfermo tem tosse; o canal bronchico está sobrecarregado de productos mucosos; e por tanto torna-se necessaria a expectoração. O melhor dos medicos prescreve: uma caixa de pastilhas de goma, ou um cosimento peitoral, e se o caso é mais importante um vomitivo!

Reflexionemos: nenhuma d'aquellas substancias penetra no canal respiratorio, que se cerra na passagem d'ellas para o estomago pelo esophago. O vomitivo apenas pode arrastar nos seus effeitos as mucosidades que estiverem adherentes as paredes da garganta. Mas os bronchios? Acha-se o doente curado? Pergunta-se: actuaram nos bronchios os medicamentos? Foi a medicina que fez a cura? Se me responderem que sim, hei-de acreditar que a melhor maneira de varrer a casa é atirar com as vassouras pela janella para o quintal. Eis o criterio da sciencia!

Um infeliz choga ao desespero pelo prurido de uma fricção. Chama um clinico, a quem paga a visita esperando que a sciencia lhe cusino como afugentar o mal. O medico compulsa toda a materia medica, e aconselha ao doente *poz de maio!* Para isto existe a medicina, estuda e trabalha ha 24 seculs!!

Uma leucorrhœa consome barris d'agua d'alcatraz e de outras aguas do grande charfaz pharmaceutico. Fatiga-se a victima com injeções desconhecidas, que a especulação do commercio traz, como questão de moda, para os hospitais e para o consumo publico. A medicina esmorece e receita... lavagens externas d'agua pura... banhos do Tejo ou do Oceanol Esculapio pede a Neptuno que lhe valha! O medico empurra o doente para longe da sciencia porque ella não tem que lhe dar, e envergonha-se de dizer—«perdoe pelo amor de Deus».

Chamemos porém a isto a *pequena medicina*, e vamos á *grande medicina*, á dos casos mais serios, em que a sciencia nos entra pela porta dentro carrancuda, de chapéu na cabeça, e são cantando os seus triumphos aos quatro ventos da fama.

Nem todos os medicos são como o celebre academico hespanhol o dr. Bonifacio Gutierrez, que tinha um plano de curativo, que resumia nas seguintes palavras:—«*caldo, agua, e amanhã veremos*»; receita, que todos os dias renovava ao mesmo doente. Antes fossem todos assim. O melhor medico é porém, segundo a creença vulgar, o que mais frequentemente varia as prescrições, e o que formula compostos mais absurdos e mais ignorantes á face da chimica.

Epocas houve, não muito remotas, em que a sciencia era propriedade dos *doutores sangrados*, hoje está na posse dos *doutores purgantes*. O purgante é por assim dizer a chave de toda a materia medica, que abre e fecha todos os tratamentos; cumprimento d'entrada e de sahida da clinica no seio das familias.

Não sei por que principio scientifico dizem os medicos que os purgantes purificam os humores. Esta theoria faz crer que os humores residem no aparelho digestivo, e que para os depurar basta uma barrella ao intestino. Se isto fosse verdade não carecia o doente de chamar o medico, bastava-lhe a *sciencia* das lavadeiras, e a pratica de um *limpa chaminés!*

Parece que os derivativos, os revulsivos e os depurativos constituem hoje um systema; não compreendo porém que sendo isto como que uma lei da escola official, sejam os homens mais eminentes d'ella os primeiros impugnadores de tal systema. Será que a sciencia se individualisa?

O dr. Busquet, fallando dos revulsivos diz: «é necessario confessal-o, os revulsivos são o recurso da ignorancia, que não sabe quo fazer; são a sciencia desprovida de meios».

O celebre dr. Piorry diz que a revulsão e a derivação são palavras sem sentido, que devem desaparecer da linguagem da sciencia como muleis, porque confundem as cousas mais dissimilhanes, e porque longe de aclararem os factos, os tornam cada vez mais inintelligiveis.

Mr. Malgaigne diz: «Não tendes uma doutrina de revulsão, porque para isto necessitariais de duas cousas que vos faltam: uma theoria que diga o modo d'acção dos seus agentes, e um conjunto de preceitos praticos, que regulem o seu emprego».

Entremos portanto no campo dos factos, e vejamos o que é a arte de curar.

As dermatoses herpeticas são tratadas com remedios locais, com banhos, etc. O medico abandona o doente dizendo-o curado, no que elle acredita. Pouco tempo depois sente-se affectado de outras enfermidades, que são consequencia da retropulsão da herpes. Confessa o medico o erro do primeiro curativo? Corrige-o? Não: trata os padecimentos consecutivos, e explora o enfermo até ao fim da vida! Quantas vezes as ophthalmias, as affecções da larynge e dos bronchios, as al'rações no estomago, nos intestinos e no figado, diarrheas, hydropeasias, bronchites, inflamações do pulmão, meningites e flegmasias cerebraes pelo desaparecimento da erysipella da cara ou do couro cabeludo, são produzidas pela repercussão devida ao emprego local de pomadas de enxofre, de mercurio, de iode, etc., ou as lesões produzidas pelos revulsivos e pelos purgantes?

Os melhores auctores e especialistas que se tem occupado das doengas da pelle referem casos abundantes d'esta monstruosa successão de enfermidades, que a boa therapeutica haveria evitado.

Com a cura da escrofula, o que succede? Porque aparece muitas vezes a otorrhea depois de desaparecer o enfarte dos ganglios lymphaticos do pescoco? Porque vem o ophthalmia depois da cura da otorrhea? Porque succede á ophthalmia o tumor branco, a caria dos ossos, e os tuberculos mesentericos e pulmonares? Porque tendo-se curado da escrofula os pais, esta se transmite por herança aos filhos?

Ainda que em pathologia geral não ha especialismos, está em tal atraso a sciencia, que a syphilis é collocada fora da influencia da medicina racional, para ceder á acção de especificos, e de remedios secre-

tos. Diz-se: esses especificos curam o cancro, o bubon, a blenorragia. As academias o constataam, protegendo até as especulações do commercio, sem muitas vezes satisfazerem a todas as exigencias dos codigos. Esses especificos têm por base o hydrargyro, sempre em grandes dozes.

Ora, se o hydrargyro cura a doenga, é essa cura coerente com a sciencia, empregando-se um agente opposto á sua doutrina? Quem ignora que o mercurio applicado á syphilis é a negação da lei dos contrarios?

Cura a syphilis, é certo, mas nem por isso a sciencia é mais feliz, porque tão empiricamente usa d'esse agente, que não ha cura que se não assignale pela intoxicação mercurial.

Curada a syphilis, porque lhe sobrevem uma didimitis, as ulcerações da garganta a ophthalmia mais grave, a dermatose rebelde e perigosa, a affecção do periotto e dos ossos, e uma serie não interrompida de males, que acompanham o individuo e se succedem nas gerações?

Que é isto senão o calos da therapeutica, e a insufficiencia da materia medica?

No rheumatismo é por ventura mais poderosa a medicina tradicional? Desaparece o rheumatismo muscular, mas vem a gastralgia, vem a sciatica. Alguem poderá negar que as mais das vezes estas enfermidades são produzidas pelo errado tratamento dos calmantes, dos revulsivos e de outros meios therapeuticos impotentes para a cura, mas poderosos para os estragos que deixam? E tão importantes são elles que a sciencia tem de confessar-se vencida, e entregar o doente á acção das aguas mineraes, recurso mais que empirico, e mais que episodico da clinica insciente, em quasi todos os estados morbosos reputados chronicos.

Ha porém outros casos em que a medicina tradicional se acobarda, e se torna espectante, deivando que a natureza opere; e quando não procede assim, as mais das vezes por ignorancia pathologica se circumscreve a pautativos ou ao ataque simplesmente de alguns symptomas mais incommodos com calmantes narcoticos, e outros agentes empiricos de não menos fatal historia.

Tenho ainda como que deante dos olhos o cadaver de uma infeliz senhora, gravida de oito mezes, estendido sobre um leito, e flanquado por cinco creancinhas, que a buscam despertar do somno eterno com o choro da innocencia. Na alcova proxima, prostrado n'outro leito jaz acometido de um insulto apopleptico o malaventurado esposo, e não menos infeliz pae d'aquellas formosas e desditosas creaturas. A casa está cheia de amigos da familia, surpresos e aturridos deante de tamanha fatalidade.

Que raio penetrou n'esta casa, e fulminou toda a felicidade, que ainda hontem alegrava o lar d'esta familia em auroras de amor, de dedicação e de carinhos?

Uma receita e um frasco sobre a meza affirmam que entrara n'esta casa a medicina official!

Uma certidão d'obito attesta que a morte foi produzida por uma peritonite.

O relatorio circumstanciado da familia leva a crer que a doenga fora uma colica nephretica, e que a morte fora devida ao remedio quo aquelle frasco, segundo o rotulo, conteve, chlorhydrato de morphina.

Dozes pezadas, e brutalmente repetidas de cinco em cinco minutos, produziram evidentemente uma cuticiação denunciada nos symptomas dos ultimos momentos das 4 horas que durou a enfermidade.

Mas a certidão d'obito diz—*peritonite*.

Se o diagnostico foi de *peritonite* violenta, porque não fez o clinico assistente o tratamento aconselhado, ainda nos casos mais graves, por todos os tratadistas da velha escola, como são as sanguessugas, as unções de unguento mercurial, o gelo, a agua de Seltz, etc. etc?

Se o diagnostico foi outro, como se deve erer pelo tratamento feito, porque não diz a certidão a verdade?

E' claro que a fé do medico cahiu sobre o facto como um manto opaco para occultar a verdade, que, se não é um crime pela irresponsabilidade legal da profissão medica, é uma vergonha para a sciencia; pois que dá claro testemunho do que se ignora a virtude dos agentes therapeuticos, e não ha nem criterio nem sufficiencia na materia medica.

O corollario de tudo isto é que o maior serviço que se pode fazer hoje á humanidade é reformar a medicina official e tradicional.

Bernardino J. de Senna Freitas.

ERRATAS. — No artigo I publicado no nosso ultimo numero, pag. 212, col. 2.ª, l. 39, onde se lê Pericles, deve ler-se Pericles.

Pag. 213, col. 1.ª, l. 40, onde se lê se apartam no material, etc., deve ler-se—se apertam no material. etc.

АН САУМАН ПИИЕН

(Conclusão)

«Perante a descripção anatomica do olho, diz Lamarion, interrogamo-nos como Newton «se o olho pôde ser feito sem conhecimento da optica» e respondemos com o illustre pensador, que a sua structura demonstra, sem contestação possivel, a existencia d'uma intelligencia, não só a par das leis da optica, mas ainda capaz de lhe submeter todos os movimentos da materia.

Em verdade, parece que só uma grande ousadia poderia afirmar, em face da admiravel construcção do orgão visual, que a força que o creou é uma força cega e ignorante, joguete da materia e alheia a qualquer conhecimento.

Se a luneta astronomica, que é apenas uma simples combinação de lentes, diz a todo o homem de senso commum, que foi construida por um oculista, como é que o olho, infinitamente superior a qualquer producto artistico, poderia ser tido como obra da materia ou do acaso? Pois bem! custa a confessar-o: é precisamente o que pretende a escola materialista (podendo acrescentar) e a positivista de mãos dadas com o darwinismo.

O olho formou-se por si só! Este facto importante é como que adquirido para esta meia sciencia.»

Iremos, pois, no encalce d'esta meia sciencia para vermos o modo curioso como nos explica a formação do olho só pelas forças naturaes.

Muito se hão de rir de nós os vindou-

ros ao analysarem certas theorias extravagantes, que fazem as delicias dos espiritos, que se dizem ir na vanguarda da civilização.

Deixando Buckner, Littré e seus sequazes, escaucarar a bocca e alcinhar de visualidades tudo o que é sobrenatural, abramos uma excepção concedendo um lugar honroso ao chefe actual dos gorillas engratadas.

Vejam os como o sabio naturalista da moda, sondando os arcanos da natureza, perscrutou o modo como ella opera só por si.

«Imaginemos um nervo sensível á luz, diz Darwin, e na parte anterior uma camada de tecidos transparentes formando espaços cheios de fluidos; supponhamos depois que cada parto d'esta camada transparente muda lenta mas continuamente de densidade, de modo a separar-se em camadas parciais, diferentes por sua densidade e espessura, collocadas a diversas distancias, e mudando as duplas superficies lentamente de forma.

Além d'isto convem admitir um poder intelligente, a selecção natural, sempre de atalaja a qualquer alteração accidental propuzida nas camadas transparentes, para escolher minuciosamente d'entre essas alterações as que, em circumstancias diversas, podem, por qualquer forma e grau, concorrer para produzir uma imagem mais distincta.

Supponhamos ainda que este instrumento se multiplicou milhares de vezes em cada um d'estes estados successivos de perfeição, e que cada uma d'estas formas se perpetuou até que sendo descoberta uma mais perfeita, a antiga depressa foi abandonada e destruida.»

Fiel aos seus elasticos principios da «selecção natural na lucta para a existencia», Darwin, imaginando uma serie de evoluções por que passou o primeiro nervo sensível á luz, chegou a formar o mais perfeito orgão da vista.

Porém que singularidade! A serie das supposições é ainda maior do que a serie das evoluções!

E tudo isto para que? Só com o fim de se dispensar da acção intelligente do Creador, fazendo intervir apenas a acção cega da natureza!

Para estes sabios não ha dificuldades; saltam a péz junctos o absurdo e cheios de vangloria exclamam, *eureka!* E a turba multa dos Baratas e Theophilos applaude frenetica as grandes descobertas da sciencia.

Todavia a verdadeira sciencia desmente a filiação genealogica das especies.

«Os olhos dos trilobitas, diz Buckland, tem a mesma conformação que os dos crustaceos e insectos dos nossos dias. Estes orgãos não percorreram, pois, uma serie de transformações, desde as formas mais simples até ás mais complexas; desde o principio se apresentaram em toda a sua perfeição e conformados em plena harmonia com o destino d'esta classe de animaes, como ainda agora se nos apresentam.»

O aperfeiçoamento de certos orgãos, que os apuradores de raças conseguem, não pôde servir de base á selecção natural, por que é sabido que a variedade se desvanecce pelo livre cruzamento.

E que alcance é o dest'outro principio, a lucta para a existencia?

O pavão real estendendo a cauda iriada em forma de leque, não sei que superioridade tenha sobre o gallo ou o faisão, seus affins.

A passagem d'uma forma menos perfeita para outra mais perfeita é antes causa de inferioridade, pois as organizações mais ricas e mais complicadas são mais sujeitas a destruição.

Succede mais, que o desenvolvimento gradual d'um orgão, destinado a assegurar um dia a superioridade da especie a que pertence, tem uma epoca em que as mediocres dimensões d'este orgão sem lhe darem vantagem alguma na lucta, são-lhe antes embaraço.

Sabemos que os crustaceos tem o seu esqueleto exterior e que este os não acompanha no seu crescimento, vindo-se por isso obrigados a abandoná-lo. Primeiro que se revistam d'outro maior é evidente que esta transformação que os despe e desarma lhes é causa de inferioridade.

Como é que o homem poderia vir á luz do dia se na lucta com os leões e os tigres estes lhes levavam sempre a melhor?

Dizem, porém, como explicar as innumeras similhanças que existem na natureza animada, a não ser pela theoria da descendencia?

Todos os saes mineraes, que crystallizam em cubos, parecem-se muito mais entre si que o homem com o chimpanz; e ninguém dirá que existe entre elles laço algum de parentesco.

Os mesmos estudos de physiologia positiva e de estatistica moderna, demonstrando que o peso do corpo humano, a forma e densidade dos tecidos, o peso e volume do esqueleto, a dura-ção da vida, os periodos de trabalho e de sono, a quantidade d'ar que respira e de alimento que assimila, a capacidade dos pulmões e forma do peito, a natureza da alimentação e comprimento do tubo digestivo; a marcha e a força das pernas, a construcção do olho, o desenvolvimento do cerebro, todas as funções organicas n'uma palavra, que estão em correlação intima e no mundo, no meio do qual vivemos, provam, não como alguém pretendia gratuitamente, que o homem é um producto da terra como os cogumelos, mas que Deus na sua infinita sabedoria, concebendo o maravilhoso plano da criação, constituiu cada uma das partes de que se compõe o ser humano, em perfeita harmonia com o meio em que tinha de exercer a sua actividade.

Que prova mais evidente dos sabios desígnios da Providencia, do que a admiravel conformidade de cada um dos seres com o fim para que Deus os creou!

O materialista, o positivista e o transformista, porém, entenderam no seu alto criterio dever riscar o nome de Deus das obras da criação para o substituir pelo nome mais scientifico de «forças naturaes», e isto pelo simples motivo de que o homem só deve crer aquillo que vê.

Mas ser-lhes-hão por ventura essas decantadas forças naturaes mais conhecidas do que o proprio Deus? Qual a sua natureza e essencia? Como operam? Ha uma só força ou muitas?

Mas deixemos estas considerações, que nos levariam longe, e ponhamos por cu-

pula a esta breve dissertação sobre as causas finais, algumas palavras do nobre duque de Saldanha.

«Como infinitamente além do que podemos conceber, deve ser a intelligencia e o poder do Ente, que designou e executou instrumento como o olho!... Oh! Deus, Creador dos innumeráveis sões que enchem o firmamento, Creador do pequeníssimo ducto, que as palpebras successivamente formam, quando se fecham, para dar passagem ás lagrimas, humildemente prostrado ante a Vossa Magestade Infinita, ante a sublimidade do incomprehensível designio, da divina perfeição que a execução do mesmo designio apresenta. dae-me, Deus meu, a vossa graça para vos adorar tão puramente, quanto a miséria humana o permite.»

Quando vejo uma linguagem tão repassada de fé, escripta por um dos maiores vultos da nossa terra nos tempos modernos, que provou o seu heroico valor e superior competência em combatalhas; por um homem, que alviantou o nome portuguez, acreditando-o perante as nações mais cultas da Europa, e a comparo com o modo de dizer piegas e venal d'uma serie de nullidades, sempre promptas a dardejarem as suas settas hervadas contra a religião do Crucificado, salta-me aos bicos da pena o parallelo entre o guzano, symbolo das theorias dissolventes mais em voga, e a mariposa, emblema das sãs doutrinas.

Aquelle carece-me o juizo secular da humanidade, esta inspira-o; aquelle, hodiando e repugnando, é feio como o erro; esta, jubilosa e radiante, é bella como a verdade.

A mariposa estadeia-se á luz do dia com todos os seus esplendores, o outro abysma-se nos antros algeidos da mentira.

O guzano, roendo a parte sã da intelligencia, tende a identificar-se com a materia bruta; a borboleta, sacudindo as azas multicores do pensamento, volita e sublima-se até á divindade.

Deus bondoso, dignae-vos fazer descer um raio da vossa sabedoria infinita sobre aquelles, que por ignorancia (se algum existe) não sabem delectear o Vosso Nome augusto e tres vezes santo nas maravilhas da criação, e aquelles que por systema vos negam, a despeito dos dictames da sua consciencia, infundi-lhes n'alma uma parcella da Vossa graça santificante.

PADRE F. SANCHES.

SECÇÃO LITERARIA

A irmã da caridade

Snr. redactor do «Progresso Catholico»

Na impulsos desconhecidos á maxima parte dos espiritos, vocações sublimes que se revelam n'um determinado momento e que elevam a creatura humana acima de si mesma, transfigurada pelos esplendores da graça e da belleza divina. Taes revelações são alvores de alegria para todas as almas que no meio da geral perturbação das ideias e contra as variaveis correntes

da opinião, teem podido guardar intemerata a integridade de sua fé.

Sendo certo que a alegria é naturalmente communicativa e expansiva dizer a v. que uma d'aquellas vocações se manifestou em uma sr.ª de Guimarães e pedir-lhes a publicidade d'este acontecimento é para mim, ao mesmo tempo, o cumprimento de um dever e a satisfação de uma necessidade.

A sr.ª Gomes a cujas virtudes darão o devido apreço os que sabem adivinhar as almas predestinadas, vencendo todas as resistencias, incluindo a maior, a do coração naturalmente affeição á terra natal, ao concheço do lar, a este conjuncto encantador de cousas e pessoas que só se percebe que se amam quando é preciso deixal-as, heroína sem apparito e sem fasto, conseguiu levantar-se até ao Alto onde todos os affectos se engrandecem e purificam dos egoismos da terra e d'onde correm a flux, como de mananciaes inexaurivel, para se derramarem a breo do mundo e para levarem a toda a parte a divina exuberancia de seus dons. Não é já simplesmente uma sr.ª de virtude e piedade que passa quasi desenhada e que mal pôlem distinguir entre os fieis, vistas superficiaes e descuidadas; é um ser que se festeja e aclama em toda a parte onde ha espirito e que teem o sentimento do grandioso e o amor do bello; é uma irmã da caridade.

Escrevendo aqui estas trez palavras não posso escapar ao doloroso sentimento que me vem da incomprehensível repugnancia que ellas excitam, mesmo no animo de pessoas de boa fé, quero acreditar-o.

Em consequencia d'isso, tomo a liberdade de sahir um pouquinho do meu primeiro proposito de dar uma ligeira noticia, para discurrir ou melhor direi, para fallar com ellas como em pratica de amigos que exprimem lealmente uns aos outros, as suas opiniões. Que me seja permitido dizer-lhes: Pelo meio de vossas cidades inquietas, labriozas, intrahidas pelo prazer ou offuscadas pelo esplendor de sua prosperidade material, atravessa ás vezes uma figura recolhida, tranquilla e tão pouco desvanecida pelo enthusiasmo dos que lhe entoadam hymnos, quanto mais resignada ao selvagismo dos que lhe atiram insultos. Desapegada de tudo e de si mesma, esta nobre figura transportada nas azas de um ineffavel amor, apparece em toda a parte onde ha uma ferida, um gemido, uma dor, um contagio que devora a vida, em toda a parte onde é preciso conolar, chorar e sacrificar o prazer de todos os dias e o repouso de todas as noites; seu vôo audaz e generoso, não lh'o cortam nem os gelos da Siberia, nem os esbrazeados desertos africanos, nem o temeroso ruído das batalhas, nem ainda a aversão inexplicavel dos ingratos!

Quem é, pois, esta creatura humana tão sublime e tão doce? tão arrojada e tão modesta? tão soberana e tão humilde? tão flexivel e franzina e tão superior, por sua desmedida força, aos mais possantes athletas da antiguidade, podendo com trabalhos e fadigas que nunca elles aventaram, tão rudes e aturadas? Quem a não adivinhou? quem não viu aqui a radiosa frente da mulher christã glorificando o seu sexo e enobrecendo a graça humana?

Se eu tentasse demonstrar que nos

modernos tempos, não menos que nas grandes epochas da sua historia o Christianismo assignalou a sua divina fecundidade produzindo uma obra prima destinada a perpetuar a civilisação e a afirmar o progresso catholico na sua luminosa carreira, eu tinha um argumento vivo e irrefutavel, eu tinha a irmã da caridade.

É certo que a philosophia tem chegado, nas suas ultimas evoluções, até á negação do espirito; o *libre exame* applicado a tudo e elevado á cathegoria de principio tem podido arruinar todos os principios. A irmã não tem mais nada que fazer com o seu catholicismo e com o seu rosario.

Mas o homem reduzido pelo materialismo philosophico a um grosseiro mechanismo sem futuro e sem razão abandonado pela theoria do *libre exame* ás contradicções de sua natureza e ás caprichosas variedades da sua fantazia tem de arranjar-se como poder, com as suas dores sem esperanza, com as suas aspirações sem objecto, com os seus enygmas indecifráveis e com uma pouca de terra que lhe cubra os ossos para sempre, ou que lh'os faça passar eternamente por successivas transformações. E nada mais além d'isto!

Prepara-se, d'esta arte, uma nova civilisação que possa dispensar-se do Evangelho; e ja temos muito caminho andado: O positivismo substitue o espiritualismo christão; as sciencias economicas encaregam-se de produzir a riqueza publica e de realizar a abundancia e o bem-estar social; o humanitarismo, a assistencia legal o, em ultima analyse, a policia encarrega-se de fazer cumprir o que já não pôle ser feito pela piedade e pela espontaneidade generosa do coração.

No meio de semelhantes esplendores a pobre irmã não tem mais nada que fazer, nem á porta do faminto, nem á cabeceira do moribundo.

Mas a anarchia do pensamento é o facto logico de uma vida intellectual sem lei, sem criterio, sem unidade de principios, pois que são todos postos em discussão, quando, por mais commodidade, não são supprimidos inteiramente.

Na ordem moral, as magnificencias d'esta civilisação mettem-se pelos olhos; a eloquencia das estatisticas e dos noticiarios não deixa duvidas a ninguem: O crime vai indo em escala ascendente; o espectro do suicidio ja se vê com indifferença como um facto ordinario e sem a minima importancia; o luxo e as dissipações de aventureiros sem fé e sem probidade ameaçam a fortuna publica e as suadas economias dos que trabalham; um estado enfermigo de duvida e medo com suas crises de terror tem tirado aos espiritos toda a possibilidade de se unirem na segurança de uma felicidade commum, campea a deslealdade e a fraude e o cynismo dos factos consumados; o odio das classes inferiores avulta contra as classes superiores até á conjuração e a invasão socialista vom crescendo sobre as sociedades modernas como uma onda que ameaça cataclysmos. É carregado e negro o horisonte. Os apóstolos da nova civilisação teem justificados motivos para recear que andaram caminho errado e para transigirem, um pouco menos activos e desdenhosos, com a decrepita e rejeitada civilisação da irmã.

Mas a que vem aqui tudo isto?

Vem para mostrar que fra do christianismo não ha civilisação, nem sociedade, nem felicidade que se conte por alguma coisa, que é d'elle só que a sociedade humana tem de escutar a palavra salvadora e de sentir a acção civilisadora; que a acção mais efficaz e mais poderosamente civilisadora, do Christianismo é a caridade e que a modesta Irmã que fez da caridade o exercicio constante da sua vida, que se dedica absolutamente ao allivio do infortunio e da miseria humana e que se santifica assim na humildade e na dor é a mais viva demonstração da espiritalidade e da immortalidade do ser humano tão indignamente abatido pelo philosophismo do nosso tempo, a mais doce mensageira da Misericordia divina que a esterilidade das theorias humanitarias pretende substituir e a solução mais completa e decisiva dos terriveis problemas sociaes que agitam o mundo.

Debaixo d'este ponto de vista, a Irmã da caridade é ao mesmo tempo uma alta philosophia, fóra da qual, o espirito humano caminha sem regra e sem razão até ao brutalismo, e uma alta escola de abnegação, de amor, de pureza e de paciencia, fóra da qual, o coração humano desce pelo declivio de todas as depravações até ao nihilismo.

Eu sinto-me quasi levado a concluir de aqui, que o futuro do mundo pertence á mulher: Ella será talvez o extremo refugio da caridade e da piedade perseguida pela altivez da falsa sciencia e pela conspiração de todas as corrupções e mentiras; e quando fór bem sentida a vaidade de todos os discursos e de todos os trabalhos emprehendedis sem o influxo da idéa christã, ha de ser magnifico espectáculo a regeneração social e a civilisação do mundo derivando d'essas ignoras virtudes da mulher christã, curvada sobre o leito da enfermaria, ou sobre a envergadura da ambulancia, ou n'uma alcova infecta, consumindo a vida e a belleza a desvelar-se pela saúde de um homem e pela salvação de uma alma.

No meio da agitação febricitante dos povos modernos e rrendo em todas as direcções para se apoderarem de uma felicidade que sempre lhes vae fugindo, não posso occultar a minha admiração diante desta figura grandiosa que se chama: Irmã da Caridade caminhando segura e magestosamente por cima da voragem ao encontro das lagrimas e da desventura.

Foi por isso que faltei e que tentei, quanto pude e me foi possível, e com uma convicção inabalavel, desvanecer injustas preocupações e animosidades sem razão.

Guimarães, 17 de setembro de 1879.

S. DA COSTA VIEIRA LEITE.

THEREZA DE JESUS

POE

D. MARIA DEL PILAR SINUES

TRADUÇÃO DO PADRE LIMA

(Continuado do numero anterior)

IV

Thereza entrou no dia seguinte para o convento. Não se despediu de Esperança

porque seu pai lh'o prohibiu, obrigando-a a sair para Salamanca, acompanhada de Guiomar que ficou exercendo o lugar de sua criada.

A infeliz Thereza, que ainda não tinha quinze annos completos, foi acommettida de uma mortal tristeza; a solidão do claustro torturava-a; a recordação dos seus passeios com Esperança, das conversas que das janellas do primeiro andar, ella e sua prima sustentavam com os mais nobres cavalheiros da cidade, a luz da lua a altas horas da noite; as serenatas defronte das janellas do seu quarto que muitas vezes lhe tiravam o somno, todas estas doças recordações a perseguiram no claustro, lhe roubavam o repouso e a immobilia de orar.

Havia n'aquella communidade uma puroza de costumes e de pensamentos que não polia deixar de ser um antiloto contra o veneno, que se acoitava no coração da joven sensivista; demais, se era um mal para ella ter uma alma tão entusiasta e apaixonada, porque quasi sempre era victima da penetração do seu genio, não era menos verdadeira que isto lhe servia para que se afeiçãoasse depressa as pessoas com quem convivia.

Uma joven religiosa, chamada Ignez, assenhoreou-se depressa do coração de Thereza; unia-as a mais terni amizade, e o pranto que a pensivista derramou no seio de sua amiga, concorreu para alliviar-lhe as tristezas.

—Minha querida Thereza, dizia-lhe algumas vezes soror Ignez; este convento não é tão triste como vós parece; eu tambem chorei nos primeiros dias, e vim para elle por muito minha vontade, mas agora não o trocaria pelo mais sumptuoso palacio; acontecer-te-ha o mesmo, não o duvideis; virá tempo em que saberás estimar sua doce paz, seu aprazivel descanso e o purissimo ambiente que n'elle se respira.

Thereza agitou a cabeça com dolorosa incredulidade e sorria-se com amargura.

Talavia, a melancolia foi pouco a pouco banindo a desesperação; Thereza já so não escudia na cella para exhalar seus suspiros; contentava-se em sentar-se á beira d'uma fonte e alli deixava correr lagrimas abundantes, mas muito menos amargas do que já o haviam sido; as bellezas da religião e da natureza fallavam á sua alma apaixonada e naturalmente poetica e a travez de suas obras, via Deus e sua infinita bondade.

Uma tarde de verão, cinco mezes depois de Thereza ter entrado para o convento, andava com a sua amiga passeando pela larga rua de tilias que formava o centro do jardim.

O sol dourava com seus ultimos raios as copas mais altas das arvores; o rouxinol cantava lá d'entre os bosquesinhos de lilazes; a lua ostentava-se magestosa no limpo azul do céu, o as rãs, as cigarras e as avesinhas soltavam o seu ultimo canto de despedida.

Saturavam o ambiente os mais suaves perfumes e uma aragem suave trazia o som dos sinos de uma freguezia proxima que tocavam o Angelus.

—Que bella tarde! exclamou soror Ignez parando em meio do seu passeio. Thereza, não sentes dilatar-se-te o coração?

—Sinto, replicou a joven: parece-me

que respiro melhor, e que esta formosa tarde dissipa na minha alma as negras nuvens de tristeza que a escurtam.

—Que tristeza haverá que possa resistir a este quadro tão suavel? exclamou Ignez com enthusiasmo; a minha resistiu pouco tempo a esta santa paz e por fim fugiu para não mais voltar.

—Então tambem foste infeliz?

—Quem em sua vida poderá contar só dias de ventura? disse a joven: eu já chorei, e muito mais que tu! Aos dezaseis annos já não esperava nada do mundo; voltei-me para o céu.

—E que motivou tuas desventuras?

—Amava e era amada; meus pais, porém, separaram-me do homem que soube assenhorear-se do meu coração, porque era pobre; desesperado entrou na guerra e lá morreu; o mundo ficou ermo para mim, fugi para chorar-o.

—E houve-o esqueci-lo?

—Nunca! E que importa? Meu amor existe no fundo da minha alma, é verdade, mas existe puro e sem mancha; a morte purificou-o das sombras do egoismo que o envolviam; amo, não a um morto, mas a uma alma que está no céu e que lá espera a minha.

—Vós, ao menos, tinheis um objecto que amaveis, disse Thereza; mas eu baixo os olhos á terra e não encontro nada n'ella que me seja caro senão minha familia, que me affasta de si e me despreza; elvoos ao céu e alli so vejo Deus; poreo digo como vós, não importa; esta palavra vai enchendo pouco a pouco minha alma de alegria; este santo e tranquillo albergue extingue em mim o rugido das paixões; não, não serei eu quem hade suspirar por amores terrenos, a meu vêr pas-ageiros e caducos; li estes dias com sua maravilhosa vida de Jesus, que já tinha lido desde creança e achei n'ella novas e sublimes bellezas que então não polia apreciar; eu tambem amo; amo Jesus! Jesus, peramificação de quanto a humanidade tem de bello, de grande e de nobre!

Jesus todo bondade, sabedoria e formosura! Jesus, que persuade e não castiga, que ama a todos e por todos morreu!

Assim fallava Thereza; seus olhos tinham o fulgor do enthusiasmo; as côres principiavam a assomar-lhe as faces, o sangue a circular-lhe nas veias.

—Quando era pequena, proseguiu recorda-me de rezar ante uma imagem de Jesus Crucificado e de ouvir dentro em mim sua voz mais harmoniosa do que o canto dos rouxinões no visinho bosque; tinha eu no jardim do meu pae uma cellinha de cômico; de uma pedra fiz um altar e sobre este colloquei uma imagem de Jesus, pregado na cruz por nosso amor; algumas vezes levantava-me da cama e ia-lhe rezar; o Senhor, todo circumdado de luz, sorria-se para mim; uma noite disse-lhe.

—Senhor! eu quero ser sempre vossa!

—Pois sim! me respondeu: tu és Thereza de Jesus e eu sou Jesus de Thereza!

—Deus meu! exclamou soror Ignez; pois tu, depois de favores tão assignalados ainda pensas em não ser religiosa? Posto que isso não passou de illusão tua, todavia parece-me sufficiente para seres agora aqui muito feliz.

—Tens razão, replicou a pensionista;

mas que queres? Se por um lado isso me prende e sensibilisa, por outro lembram-me as bellezas do mundo, as festas, os banquetes, os torneios que vi descriptos nos meus livros de cavallaria; penso no quanto será bom t'êr filhos e esposo e então recordo-me da felicidade que gozou minha mãe. Porque hei de renunciar voluntariamente a tudo, antes de me sujeitar a nada?

—Eis aqui minha amiga, a perplexidade da minha alma, a razão inclina-me ao claustro, a imaginação faz-me desejar o mundo, e n'esta porfiada lucto perco o sono e o appetite e minha vida se vai inutilmente passando, quando tão bons fructos podia produzir. Não sei o que sinto; asseguro-te, porém, minha querida Iguéz, que muitas vezes julgo que tenho febre e que não será muito duradoura a minha vida.

—Barre essas suspeitas disse a joven religiosa: Deus quer que vivamos e deseja nossa felicidade; para que amargurarmos a existencia com infundadas tristezas? Pensa maduramente, antes que tomeis uma resolução; estuda-te a ti mesma; calcula onde serás feliz, se lá fora rodeada dos cuidados da familia, que dá a soffrer também amarguras como todas as cousas da vida, se aqui, sob os tectos d'esta santa casa; e depois de otares certa de vossa vocação, manifesta-a a teu pae; elle é bom e attenderá a vossos rogos.

—Approvo o teu parecer, replicou a joven; meditarei durante um mez e depois decidirei.

Apesar d'esta promessa e da certeza que tinha a joven pensionista de poder realisar-a, passaram-se muitos dias, e as perplexidades do seu espirito eram cada vez maiores; as exhortações das religiosas e o santo exemplo, que sua vida offerreia a Thereza pareciam inclina-la a vida monastica; mas, quando se lembrava de professar, tudo quanto em si havia de mundano, de juvenil e alegre se revoltava, forçando-a a não mais pensar na eterna solidão que tanto a horrorisava e entristecia.

Thereza amava o mundo e seus divertimentos; amava muito mais os prazeres que a mente lhe suggeria do que os que já havia experimentado e determinou-se a pedir ao pae, que a tirasse do convento.

D. Affonso accedeu ao pedido; porém disse a Thereza que esperasse alguns dias, pois uma inesperada occupação o impedia n'este momento de satisfizer a todas as formalidades necessarias para realisar-o.

Removido este obstaculo, D. Affonso pretextou logo uma viagem e depois outras mil desculpas com as quaes procurava dilatar a todo o custo a realisação dos desejos de sua filha.

E D. Affonso tinha razão para proceder assim; conhecia o caracter vehemente de Thereza, seu horror a todo o jugo, sua imaginação exaltada, a viveza de suas impressões; predicados funestissimos para uma joven formosa, rica e que devia viver á redea solta, attendendo á idade e achaques do seu pae e á meiga indole e muito bom genio de sua irmã mais velha.

—Dai-lhe, meu Deus, a vocação religiosa que, a meu vêr, necessita para salvar-se, e morrerei contente! exclamava em suas orações D. Affonso.

Thereza, porém, parecia não conseguir do ceu nem fortaleza nem socego de espirito; luctava sem cessar e a lucta gastou suas forças, de que resultou o acometel-a a final, uma grave e dolorosa enfermidade.

(Continúa.)

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMARIO: — Um opusculo que exasperou os amigos de A. Herculano; O «Commercio de Portugal», amigo de A. Herculano, reforça a opinião do auctor do opusculo. — A peregrinação hespanhola a Lourdes. — O programma da maçonaria apresentado por um jornal maçon. — Nada podem as trevas contra a luz: um padre catholico no Reichstag; a nobreza abandona a corte; um irmão de Julio Ferry, frade; imponente manifestação catholica em Londres. — Parabens á «Cruza».

Em janeiro de 1878, devem lembrar-se os nossos leitores, publicou-se um opusculo (1) que outro fim não tinha senão o de estigmatizar o escandalo, o grande escandalo de se fazerem exequias catholicas a Alexandre Herculano.

N'esse opusculo de que nos occupamos, principiava o auctor por estas palavras:

«Exequias catholicas a A. Herculano?...Um officio funebre em honra de A. Herculano, n'um templo consagrado á Conceição Immaculada de Maria!...E' burla, ou dislate?

Empurrar depois de morto, para cima do catafalco d'uma igreja o homem que até ao ultimo arfar da vida quiz viver fóra da Igreja, e a lapidou ás pedradas de phase? Será fabula, ou facto consumado? Aspergir com as antiphonas da ultima paz o athaude do guerrilha turbulento que morreu abraçado com o estandarte da guerra contra a Esposa de Christo? E' accinte ou cynismo?»

Da gritaria que por ahí se alevantou contra os reaccionarios, que nem depois de

(1) Os nossos bispos do continente a proposito das exequias da Lapa, em honra de Alexandre Herculano. — Guimarães, Livraria Editora de Teixeira de Freitas, opusculo de 70 pag.

morto, deixavam em paz o sabio, o homem maior de Portugal, devem estar lembrados os nossos leitores, pois que não houve um só jornal do paiz, que, sem mesmo conhecer Herculano como homem, nem como escriptor, não viesse herrar a esturada da imprensa: Herculano era um sabio. Herculano morreu como catholico, os padres, os reaccionarios é que querem condemnal-o pelo facto d'elle dar para baixo nas credences e fanatismos com que querem engadar os credulos, etc., etc.

Esriptores de boa fé, ao que parece, vieram também defender o homem, e nos, francamente o confessamos, estivemos quasi a crêr na conversão do auctor da Carta sobre as conferencias do Cassino. Felizmente não acreditamos, do que teriamos de arrepende-nos passados dous annos.

O nosso arrependimento nascia com certeza da leitura d'um artigo que o «Commercio de Portugal» consagra ao notavel escriptor no seu numero de 13 do corrente, em commemoração do seu passamento.

Ora o «Commercio de Portugal» não é carolla, não é reaccionario, como os leitores terão visto do que d'elle havemos transcripto, e apesar de não o ser escreve o seguinte, que nos parece ser a verdade, a unica verdade em meio de tudo quanto se tem escripto acerca de catholicidade do auctor do «Eurico», por isso que os amigos devem conhecer-se de perto.

Escutem o «Commercio de Portugal»:

«Passa hoje o anniversario do passamento do grande historiador peninsular. A manifestação sympathica dos amigos fica symbolisada no rapido balhuciar do pezado latim dos rituaes n'uma missa de requiem. Para que uma missa? O luctador do Eu e o clero, o sublime refutador dos dogmas catholicos e dos dogmas monarchicos, — as côrtes de Lamogo e o milagre de Ourique — não precisa nem quer a salvação de Deus. Deixem-n'o tranquillo na paz do tumulo.»

Gostamos d'este nosso collega, porque ao menos é franco, e a franqueza é uma qualidade apreciavel.

Esta transcripção vae também de presente ao snr. padre Antonio Candido, que de certo estava também na presuasão de que A. Herculano queria as preces da Igreja.

*
* *

A peregrinação que a Hespanha ca-

tholica acaba de fazer a Lourdes foi sobremodo imponente.

Mais de cinco mil hespanhoes a que se reuniu quasi igual numero de estrangeiros, treparam a ingreme montanha onde se ostenta a magnifica basilica consagrada á Virgem Immaculada, pelo reconhecimento dos catholicos de todo o mundo.

Era um spectaculo espantosamente grande, magnificamente bello o que offereciam essas dez mil pessoas deslizando-se por todos os caniuhos que levam ao templo, sobresaindo aqui e alli, por entre a multidão, bandeiras de variagadas côres, que as brisas da montanha faziam tremular. E depois os canticos que os peregrinos offertavam á Virgem e a alegria estampada em todos os rostos, e a communhão geral, e a Missa de pontifical celebrada na gruta; tudo deverá deixar no coração dos peregrinos uma recordação saudosa.

*
**

Para os que por ahí blasonam de que a maçonaria nada tem com a Religião, transcrevemos do nosso collega a «Correspondencia de Roma» o seguinte:

«Chaine d'Union,» jornal da Franc-maçonaria universal quiz dar-nos sem rebuço a explicação clara da guerra actual contra o catholicismo.

«O nosso inimigo, diz a «Chaine d'Union,» é a Igreja romano-catholico-papal, infallivel, com a sua organização completa e universal. Se queremos ser franc-maçõs verdadeiros e honestos, devemos dizer altamente com Strauss: «Nós já não somos christãos, somos franc-maçõs e nada mais. Ou christãos ou maçõs.»

Eis-aqui, pois, explicada a lucta contra o clero e as Ordens religiosas na França e na Belgica, a guerra principalmente dirigida aos Jesuitas, o matrimonio civil obrigatorio em Italia, e todos as mais perseguições que mais ou menos francamente se fazem por toda a parte contra a Igreja, contra o Papado, contra as Ordens Religiosas, contra o Clero catholico, e em geral contra o clericalismo, isto é contra todos os que professam a religião catholica, apostolica, romana.

O mesmo periodico a «Chaine d'Union,» publicou em maio passado as seguintes palavras, que o deputado Keller citou na camara de Varsailles: «O Ir. . . Julio Ferry que teve a alta honra de ser iniciado

nos nossos mysterios, occupa-se d'uma obra essencialmente maçonica, e toca-nos apoiado por todos os modos.»

Está pois officialmente confirmado que a lei Ferry é obra essencialmente maçonica, isto é essencialmente anti-christã e uma parte do programma das Lojas: *Ou christãos ou maçõs!* Antes d'esta empresa já Julio Ferry tinha publicado um discurso pronunciado na loja *Clemente Amitié* em que declarava que «a Franc-maçonaria e o positivismo são estreitamente unidos contra o seu inimigo mortal, o catholicismo.»

Para nós escutado era mais este testemunho do jornal maçonico, que até a sociedade nol-o havia demonstrado na «Maçonaria Desmascarada» o illustrado vimezanense, collaborador da nossa revista; mas para os que nao leram aquelle livro importante é que damos esta noticia.

*
**

Nada poderá, porém, o poder dos que vivem nas trevas, porque a luz radiante que se espalha do Vaticano é assaz forte para mostrar a verdade. São provas d'isto as seguintes noticias:

—«Em Neustad (Baviera) foi eleito deputado ao Reichstag allemão o sacerdote Schoeffer, parochio de Romsbeau, o qual havia apresentado aos seus eleitores o programma que entendia seguir, o qual principiava com estas palavras:—«Inspirando-me no Syllabus, defenderei no Reichstag os principios e os direitos da Igreja catholica»; e termina do seguinte modo: «Verdade e direito! E liberdade pela verdade e pelo direito.»

Quando em todos os paizes os eleitores só dessem o seu voto a candidatos que se apresentassem com um programma como este, não se teriam a deplorar tantas calamidades.

—Os jornaes belgas annunciam que diversas familias da alta aristocracia decidiram não tornar a entrar na Córte por ter o rei Leopoldo II sancionada a lei maçonica sobre o ensino.

—As declamações de Julio Ferry contra as Ordens Religiosas produziram um salutar effeito na sua mesma familia. Um seu primo carnal, official da Guarda movel durante a guerra de 1869, acaba de receber o habito de Trappista na Abbadia de Belle-Fontaine, e tomou o nome de Irmão Roberto. Deus converta o Ir. . . Julio Ferry pelas orações e penitencias de Fr. Roberto Ferry.

—O *Times* dá conta da grande festa annual das *Sociedades catholicas de temperança*, que teve logar em Londres no dia 26 de agosto proximo passado. A reunião foi no Palacio de Crystal, sob a presidencia do Cardeal Manning.

Mais de 20:000 catholicos reunidos atravessaram, com musicas na frente, alguns quarteirões de Londres, quando se dirigiam para o local da festa. O *Times* confessa que o spectaculo não deixava de ter uma certa imponencia e grandeza. O Cardeal Manning recebeu ovações entusiastas, como o mesmo jornal confessa».

*
**

Findamos esta revista felicitando o nosso esclarecido collega de Nova Gôa, a «Cruz», por haver entrado no 1.º anno da sua vida jornalística, e pedindo a Deus que lh'a conserve quando tanto carecemos de companheiros n'esta espinhosa crusada da verdade contra o erro, da luz contra as trevas.

J. DE FREITAS.

Regressou do estrangeiro e achasse de novo exercendo as funções de redactor principal do «Progresso Catholico» o exc.º snr. padre Senna Freitas, a quem d'ora ávante serão enviados todos os manuscriptos destinados ás columnas d'esta Revista.

Por falta de espaço não publicamos hoje algumas apreciações d'obras que temos recebido, nem correio sem franquia, o que faremos no proximo numero.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damazo, 50 a 54—Guimarães.